

eu, ó meu Deus? Qual é minha verdadeira natureza? Uma coisa viva, que assume inumeráveis formas de imensa amplidão.”¹⁴⁶ “Quanto à sedução dos doces aromas”, por exemplo, “não me inquieto em demasia. (...) Ao menos assim me parece; talvez eu me engane. Pois há em mim trevas deploráveis em que de mim se ocultam as minhas possibilidades latentes, de tal sorte que meu espírito, ao se interrogar sobre suas próprias forças, sente não poder confiar com acerto no que ele mesmo diz.”¹⁴⁷

Era um tema tradicional expor a alma às ordens de Deus, sabendo que Ele “vasculhava o coração dos homens”.¹⁴⁸ Mas era sumamente inusitado insistir, como fez Agostinho, em que nenhum homem jamais conseguiria sondar suficientemente seu coração, em que o “espaço vasto e ilimitado” era tão complexo, tão misterioso, que ninguém jamais poderia conhecer toda a sua personalidade, e portanto, ninguém podia ter a certeza de que a totalidade de si mesmo se submeteria a normas que apenas a mente consciente havia aceitado. O sentimento agostiniano dos perigos da identificação exclusiva com as boas intenções conscientes está por trás do refrão que tanto chocou Pelágio: “Ordenai-me o que quiserdes, mas dai-me o que me ordenares.”¹⁴⁹ Pois “não consigo facilmente concentrar minhas forças para melhor me purgar desta infecção: tenho grande receio de minhas partes ocultas, que Vossos olhos conhecem, mas os meus não vêem.¹⁵⁰ (...) Eis que me vejo em Vós, ó minha Verdade (...) mas, se posso ou não ser assim, não o sei. (...) Rogo-Vos, ó Deus, que me mostreis a plenitude de mim mesmo.”¹⁵¹

Nada podia ser mais vívido do que um auto-retrato íntimo, traçado por um homem que não se deixara iludir por certezas sobre quem realmente era: “ignoro qual dos lados vencerá (...) simplesmente o ignoro.”¹⁵² Ele ainda tinha sonhos sexuais, que o preocupavam pela sensação de consentimento e de culpa subsequente, que ocorria até mesmo em seu sono.¹⁵³ Já a ganância era para ele uma fonte muito mais aguda e reveladora de inquietação. Agostinho observara com fascinada simpatia a voracidade insaciável dos bebês.¹⁵⁴ Sentia-se ainda numa encosta escorregadia: falava com a rispidez e o temor de alguém para quem as fronteiras entre o apetite comedido e a sombra da pura e simples voracidade ainda não estavam estabelecidas com segurança.¹⁵⁵ Com o prazer da música, ao contrário, ele se sentia fortalecido por suas próprias experiências positivas. O belo entoar de um salmo podia fazer sua mente perder-se em divagações, mas

ele estava disposto (como nunca se disporia à mesa) a correr o risco de se comprazer: “Sinto que todos os variados afetos do coração encontram, na voz e no canto, ritmos que lhes são próprios e através dos quais, por uma misteriosa afinidade, tornam-se mais vivos.”¹⁵⁶

Penetramos no mundo de um homem muito sensível. As cores berrantes do passado esmaeceram; suas tentações chegam quase a parecer, em certos momentos, uma encantadora distração. A “voluptuosidade dos olhos”, por exemplo, só abala Agostinho quando ele se senta por um instante sob o límpido sol africano, vendo a paisagem banhada de luz — a luz que era a própria “rainha das cores” — e se descobre lamentando ter que entrar em casa: (...) “sinto falta dela; e se dela sou privado por muito tempo, abate-me a depressão.”¹⁵⁷ “Já não vou ao circo ver um cão a perseguir uma lebre, mas, se deparo com a mesma cena ao atravessar o campo, a caçada pode facilmente distrair-me de meu pensamento e, se não chega a me forçar a mudar de caminho para segui-la a cavalo, desvia-me em meu coração. Se não me mostrásseis prontamente a minha fraqueza e não me advertísseis, (...) eu simplesmente ficaria boquiaberto a contemplá-la. Que dizer de mim? Uma lagartixa a caçar moscas ou uma aranha a devorá-las quando se enredam em sua teia ainda são capazes de absorver minha atenção quando me sento em meu quarto.”¹⁵⁸

Mas a angústia mais característica de Agostinho concernia ao tanto que ele ainda se sentia profundamente afetado pelas outras pessoas: “Tenho certa capacidade de me examinar noutras tentações, porém nesta, quase nenhuma.”¹⁵⁹ Ao ler a biografia desse homem extremamente introspectivo, de repente percebemos, para nossa surpresa, que ele quase nunca ficou sozinho. Sempre esteve cercado de amigos. Aprendeu a falar “em meio ao carinho das amas, entre os gracejos de rostos sorridentes e o bom humor dos colegas de folgedos”.¹⁶⁰ Só um amigo era capaz de fazê-lo perder “metade de minha alma”,¹⁶¹ e somente uma nova amizade poderia curar essa ferida.¹⁶² Raras vezes o encontramos pensando sozinho: em geral, ele está “conversando sobre tais assuntos com meus amigos”.¹⁶³ Agostinho quase não se havia modificado nesse aspecto: na meia-idade, continuava encantadora e tragicamente exposto à “mais insondável de todas as tentações da alma — a amizade”.¹⁶⁴

Após a tempestade distante no jardim de Milão, após esse exame angustiado das potencialidades tenebrosas, os três livros restantes das *Con-*

fissões constituem um término apropriado para a auto-revelação de um homem dessa cepa: como a luz suave que retorna insidiosamente à paisagem encharcada de chuva, o duro refrão do “Ordenai” — “Ordenai o que quiserdes” — cede lugar ao “Concedei”: “Concedei-me o que amo, porque estou inebriado de amor.”¹⁶⁵ Para Agostinho, o progresso na sabedoria, já então medido pelo estalão de seu entendimento das Sagradas Escrituras, só poderia decorrer do progresso da consciência de si mesmo:¹⁶⁶ esses “primeiros alvares da iluminação de minha alma”,¹⁶⁷ quando ele medita sobre as primeiras linhas do Livro do Gênesis, ilustram diretamente os efeitos da terapia por que acabara de passar. Essa terapia de auto-exame talvez tenha sido o que mais aproximou Agostinho de algumas das melhores tradições de nossa própria era. Como um planeta em oposição, ele se aproxima tanto de nós, no Livro X das *Confissões*, quanto o poderia permitir o imenso abismo que separa o homem moderno da cultura e da religião do baixo Império Romano: *Ecce enim dilexisti veritatem, quoniam qui facit eam venit ad lucem*. “Pois vede, Vós amastes a verdade, e aquele que a prática alcança a luz. Quero praticar a verdade em meu coração, confessando-me a Vós e, nos meus escritos, a um grande número de testemunhas (...).”¹⁶⁸

NOTAS

1. P. Courcelle, *Les Confessions de S. Augustin dans la tradition littéraire: Antécédents et postérité*, 1963, fornece uma introdução magistral sobre a influência das *Confissões* na literatura européia e os vastos recursos de erudição moderna mobilizados em torno desse texto singular. Sou particularmente grato ao excelente estudo de G. N. Knauer, *Die Psalmenzitate in Augustins Konfessionen*, 1955, estudo modelar de um aspecto importante das qualidades e do estilo literários das *Confissões*; aos comentários de M. Pellegrino e A. Solignac (cit. *supra*, p. 103, n. 1) e ao texto e notas de J. Gibb e W. Montgomery, *The Confessions of St. Augustine* (Cambridge, Patristic Texts), 1908. Bonner, *St. Augustine*, p. 42-52, forneceu um resumo criterioso e bem documentado das opiniões conflitantes sobre o valor histórico das *Confissões*.
2. *Ep.* 24, 2 (para Alípio).
3. *Ep.* 31, 2, ver adiante, p. 242.

4. *Confissões*, VIII, vi, 14/15.
5. *Passio Ss. Perpetuae et Felicitatis*, 3, org. P. Franchi De’Cavalieri (*Röm. Quartalschrift*, 5, Supplementheft), 1896, p. 110.
6. Pôncio, *Vita Cypriani*, 2 (P.L. iii, 1542).
7. Ver esp. Courcelle, *Les Confessions*, p. 91-100.
8. Por exemplo, *Confissões*, IX, ii, 4.
9. Por exemplo, *Confissões*, V, x, 20. Cf. *Ep.* 30, 2.
10. Por exemplo, *Confissões*, IX, i, 1; cf. *Ep.* 24, 1.
11. Por exemplo, *Confissões*, IX, xiii, 37, e X, iv, 5; cf. *Ep.* 24, 5.
12. *Confissões*, VIII, x, 23, e IX, iv, 10.
13. *Confissões*, VIII, ii, 3-5.
14. *C. Ep. Secundini*, 11 (que o remete a um livro que estava em poder de Paulino).
15. *De dono persev.*, xx, 53.
16. *Ep.* 24, 1, cf. 30, 2.
17. *Ep.* 27, 1.
18. *Ep.* 24, 1.
19. Ver esp. p. Fabre, *S. Paulin de Nole et l’amitié chrétienne*, 1949, p. 137-154, e sobretudo p. 387-390.
20. Por exemplo, *Ep.* 27, 1; ver adiante, p. 266.
21. *Ep.* 28, 1.
22. *De div. quaest.*, LXXXIII, 47.
23. Por exemplo, *Ep.* 267.
24. *De cat. rud.*, X, 15.
25. *Enarr. ii in Ps.*, 30, 13.
26. Ver *supra*, p. 191.
27. *Confissões*, I, vi, 7.
28. *Ep.* 24, 3.
29. *Ep.* 28; ver adiante, p. 338.
30. Ver adiante, p. 253; por exemplo, *De mor. eccles. cath.* (I), xxxii, 69.
31. *Ep.* 24, 2.
32. Ver adiante, p. 326; ver esp. *Confissões*, XI, ii, 2.
33. Por exemplo, III, v, 9, em contraste com *De lib. arb.*, I, ii, 4.
34. *Confissões*, VI, iv, 6.
35. *Confissões*, VI, iii, 3.
36. *Confissões*, VI, iii, 3: “*quid spei... quid luctaminis... quid solaminis*”, cf. *Confissões* X; “*et occultum os eius... quam sapida gaudia de pane tuo*”, cf. *Confissões* XI-XIII.
37. *Confissões*, VI, ix, 15; ver adiante, na p. 243, as características de Alípio.
38. *Confissões*, VI, ix, 14.
39. *Ep.* 24, 1.
40. *C. litt. Petil.*, III, xvi, 19; *C. Crescon*, III, lxxx, 92; ver adiante, p. 251.

41. *Ep.* 24, 4.
42. *Confissões*, IX, ii, 4.
43. *Ep.* 26, 4.
- 43a. *Ep.* 26, 5.
44. Courcelle, *Les lettres grecques*, p. 132: “*Ce demi-savant qui raille les Platoniciens de son temps (...)*” [“Esse semidouto que zomba dos platônicos de sua época” (N. da T.).]
45. *Confissões*, VII, xx, 26.
46. Ver adiante, p. 251-259.
47. Especialmente *Ep.*, 22, 9.
48. *Ep.* 31, 4.
49. *Confissões*, X, xliii, 70.
50. *Confissões*, IV, i, 1.
51. *Confissões*, IX, xii, 33.
52. *Confissões*, IX, xiii, 34; cf. IV, v, 10.
53. *Confissões*, IX, xii, 34.
54. *Confissões*, IX, iii, 5: há aí um jogo de associações particularmente requintado; ver Knauer, *Psalmenzitate*, p. 123.
55. *Confissões*, IV, vi, 14.
56. Ver esp. E. R. Dodds, “Augustine’s Confessions”, *Hibbert Journal*, 26, 1927-1928, p. 460.
57. *Retract.*, II, 32.
58. Plotino, *Enéadas* V, i, 6 (MacKenna 2, p. 374). A despeito do exemplo, esse tipo de oração não é muito comum nas exposições de Plotino. Essa atitude teve prosseguimento nos tempos árabes: ver R. Walzer, “Platonism in Islamic Philosophy”, *Greek into Arabic*, 1962, p. 248-252.
59. *De serm. Dom. in monte*, II, iii, 14; cf. *De Mag.*, i, 2.
60. Por exemplo, *Sol.*, I, 2-6, e a declaração reveladora de *Sol.*, I, ii, 7: “Que queres saber? Eu já disse tudo nas orações.”
61. *De Trin.*, XV, xxviii, 51.
62. *Retract.*, II, 32.
63. *Confissões*, I, i; cf. Tiberiano, *Versus Platonis*, org. Baehrens, *Poetae Latini Minores*, III, p. 268, i, p. 26s, “da nosse volenti”.
64. *Confissões*, XI, xxvii, 34.
65. A essa tradição convém acrescentarmos a idéia mais especificamente judaico-cristã do “sacrifício de louvor”: louvor a Deus por Suas obras (ver esp. Madec, “Connaisance de Dieu et action de grâces”, *Rech. augustin.*, ii, 1962, p. 302-307) e por Seus atos de clemência na libertação de Seu povo: ver J. Ratzinger, “Originalität und Überlieferung in Augustins Begriff der ‘Confessio’”, *Rev. études augustin.*, iii, 1957, p. 375-392. [Tradução livre de Milton: “Ó tu, Luz celestial, antes brilha internamente e ilumina o espírito em todos os seus poderes, planta-lhe olhos,

- dele purga e dispersa todas as brumas, para que eu possa ver e falar de coisas invisíveis aos olhos mortais.” (N. da T.)]
66. Dodds, “Augustine’s Confessions”, *Hibbert Journal*, 26, 1927-1928, p. 471.
67. *Confissões*, VI, i, 1; ver Knauer, *Psalmenzitate*, p. 55, n. 1.
68. *Confissões*, I, vi, 9.
69. *Confissões*, II, ii, 2; ver esp. Knauer, *Psalmenzitate*, p. 31-74.
70. Por exemplo, *Confissões*, VIII, iii, 6.
- 70a. *Confissões*, VII, iii, 5; cf. *De ii anim.*, 11.
71. Ver *supra*, p. 100 e p. 117-118.
72. Por exemplo, *Confissões*, V, x, 20 a xi, 21.
73. *Confissões*, II, iv, 9.
74. *Confissões*, V, viii, 15.
75. *Confissões*, XI, xxix, 39.
76. *Confissões*, II, iii, 5.
77. *Confissões*, IX, x, 23.
78. *Confissões*, X, viii, 15.
79. *Confissões*, III, vi, 11.
80. *Confissões*, X, vi, 9.
81. *Confissões*, V, ii, 2.
82. Plotino, *Enéadas*, IV, viii, 4 (MacKenna 2, p. 360-361); cf. *Confissões*, II, i, 1.
83. A importância do tema da peregrinação da alma que se afasta de Deus foi enfatizada com acerto por G. N. Knauer, “Peregrinatio Animae. (Zur Frage der Einheit der augustinischen Konfessionen)”, *Hermes*, 85, 1957, p. 216-248. Sua base plotiniana foi apresentada num estudo sumamente instigante de R. J. O’Connell, “The Riddle of Augustine’s ‘Confessions’: A Plotinian Key”, *International Philosophical Quarterly*, iv, 1964, p. 327-372. Outro tema, “a conversão ao coração”, o retorno à vida interior, traço acentuado do Plotino pagão, significativamente ausente do Orígenes cristão (ver P. Aubin, *Le problème de la “conversion”*, 1963, esp. p. 186-187), é crucial para as *Confissões*: por exemplo, *Confissões*, IV, xii, 18.
84. Essa diferença importante é assinalada com clareza por J. Burnaby, *Amor Dei*, p. 119-120.
85. *Confissões*, IV, vii, 12.
86. *Confissões*, III, iv, 8.
87. Ver *supra*, p. 190.
88. Ver *supra*, p. 188-190.
89. Por exemplo, *Confissões*, VI, v, 7.
90. *Confissões*, VI, xv, 25; cf. *Ep.* 263, sobre as implicações dessa imagem.
91. *Confissões*, IX, iv, 7.
92. *Confissões*, IX, iv, 7.
93. *Confissões*, II, i, 1.
94. *Confissões*, I, xiv, 22.

95. *Confissões*, III, i, 1.
96. *Confissões*, III, ii, 3.
97. *Confissões*, I, vi, 9ss; ver *supra*, p. 34.
98. *Confissões*, VIII, iii, 7.
99. *Confissões*, IV, vi, 11.
100. Ver *supra*, p. 47, n. 1.
101. *Confissões*, IV, xiv, 22.
- 101a. *De Gen. ad litt.*, X, xiii, 23.
102. “Que coisa estranha ver um homem fazer uma tempestade em copo d’água por causa do furto de uma pereira na adolescência”, carta de Oliver Wendell Holmes a Harold Laski, 5 de janeiro de 1921, in M. de W. Howe (org.), *Holmes-Laski Letters* (I), 1935, p. 300.
103. *Confissões*, II, vii, 15.
104. *Confissões*, IV, i, 1.
105. *Confissões*, VIII, v, 10.
106. *Confissões*, VI, viii, 13 e IX, viii, 18.
107. *Confissões*, VIII, v, 10.
108. *Confissões*, VIII, viii, 19.
109. Especialmente *Confissões*, IX, xii, 32.
110. *De div. quaest.*, LXXXIII, 40.
111. *Confissões*, VIII, xi, 26.
112. *Confissões*, IX, viii, 18.
113. *Confissões*, VI, xii, 20.
114. *Confissões*, IX, i, 1.
115. Ver esp. C. Mohrmann, “Comment s. Augustin s’est familiarisé avec le latin des Chrétiens”, *Aug. Mag.*, i, 1954, p. 111-116, e “Augustine and the Eloquentia”, *Études sur le latin des Chrétiens*, i, 1958, p. 351-370.
116. E. de la Peza, *El significado de “cor” en San Agustín*, 1962, e *Revue des études augustiniennes*, vii, 1961, p. 339-368.
117. Knauer, *Psalmenzitate*, p. 151.
118. *Enarr. in Ps.*, 138, 20.
119. *Confissões*, VI, vi, 9.
120. Por exemplo, *Confissões*, III, xi, 19.
121. Por exemplo, *Passio Marculi* (P.L. viii, 760D e 762-763).
122. Ver esp. Courcelle, *Les Confessions*, p. 127-128.
123. *Serm.* 67, 2.
124. Ver *supra*, p. 148.
125. *De ord.*, I, i, 2.
126. Por exemplo, *De lib. arb.*, III, ii, 5.
127. *De lib. arb.*, III, ii, 5.
128. *Confissões*, V, x, 18; cf. IV, iii, 4.

129. *Confissões*, VII, iii, 5; cf. *De vera relig.*, lii, 101.
130. *C. Acad.*, II, ii, 6.
131. *Confissões*, VII, xxi, 27.
132. Nock, *Conversion*, p. 179-180.
133. Cipriano, *Ep.*, I, 14 (a Donato) (P.L. iv, 225).
134. *C. Acad.*, II, i, 1; *De beata vita*, i, 1. Paulino também viu Agostinho nesses termos: por exemplo, *Ep.* 25, 3.
135. *Enarr. in Ps.*, 99, 10.
136. Ver *supra*, p. 184.
137. *Serm.* 67, 2.
138. *Enarr. ii in Ps.*, 101, 3; cf. *Enarr. iii in Ps.*, 32, 16.
139. *Confissões*, X, v, 7.
140. *Confissões*, X, xxiv, 35 a xxv, 36.
141. Por exemplo, Plotino, *Enéadas* IV, iii, 30 (MacKenna 2, p. 286); ver Dodds, “Tradition and Personal Achievement in Plotinus”, *Journ. Rom. Studies*, I, 1960, p. 5-6.
142. *Confissões*, X, xxiii, 33; cf. *De vera relig.*, lii, 101.
143. *Confissões*, X, xxxv, 56.
144. *Confissões*, X, iii, 3.
145. *Confissões*, X, xxviii, 39.
146. *Confissões*, X, xvi, 25.
147. *Confissões*, X, xxxii, 48.
148. Ver esp. H. Jaeger, “L’Examen de conscience dans les religions non-chrétiennes et avant le Christianisme”, *Numen*, vi, 1959, p. 176-233.
A qualidade incomparável das *Confissões* levou alguns estudiosos a sugerir que haveria um protótipo maniqueísta na confissão anual da festa de Bema; ver esp. A. Adam, “Das Fortwirken des Manichäismus bei Augustinus”, *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, 69, 1958, p. 1-25, em especial p. 6-7. Entretanto, considero decisivas contra essa visão as objeções de J. P. Asmussen, Xª ASTVANIFT, *Studies in Manichaeism* (Acta Theologica Danica, VII), 1965, especialmente p. 124.
149. *Confissões*, X, xxix, 40; *De dono persev.*, xx, 53.
150. *Confissões*, X, xxxvii, 60.
151. *Confissões*, X, xxxvii, 62.
152. *Confissões*, X, xxviii, 39.
153. *Confissões*, X, xxx, 41.
154. *Confissões*, I, vii, 11.
155. *Confissões*, X, xxxi, 47.
156. *Confissões*, X, xxxii, 49.
157. *Confissões*, X, xxxiv, 51.
158. *Confissões*, X, xxxv, 57.
159. *Confissões*, X, xxxvii, 60.

160. *Confissões*, I, xiv, 23.
161. *Confissões*, IV, vi, 11.
162. *Confissões*, IV, ix, 14.
163. *Confissões*, IV, xiii, 20.
164. *Confissões*, II, ix, 17.
165. *Confissões*, XI, ii, 3.
166. Ver adiante, p. 326.
167. *Confissões*, XI, ii, 2.
168. *Confissões*, X, i, 1.

PARTE III

395-410